



Papa Francisco recebe o reitor da Universidade

Padre Josafá entrega material produzido durante a JMJ



Padre Josafá passa às mãos do Papa dossiê sobre produção na JMJ

VATICANO

No dia 7 de abril, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., participou de uma audiência com o Papa Francisco, no Vaticano. No encontro, padre Josafá entregou o material produzido pela PUC durante a Jornada Mundial da Juventude Rio2013, em julho. Um dos trabalhos foi a edição especial do Jornal da PUC, que recebeu o prêmio Dom Helder Câmara da Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Também no mês de abril, o Vaticano reconheceu o padre jesuíta José de Anchieta como santo. Para celebrar a canonização, o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e Grão-Chanceler da PUC, Dom Orani João Tempesta, O.Cist., presidiu Missa de Ação de Graças na Catedral Metropolitana, no Centro, no dia 3 de abril.

PÁGINAS 3 E 5

Desigualdade em pauta na Universidade

O debate Perspectivas sobre a Desigualdade, organizado pelo Departamento de Ciências Sociais, reuniu pesquisadores da PUC e da UFRJ. Foram abordados os diversos tipos de injustiça existentes no país, como questões raciais, sociais, educacionais e regionais. Para o antropólogo e professor Roberto DaMatta, a desigualdade surge quando há mais individualismo entre as pessoas. O professor Ricardo Ismael abordou a desigualdade histórica entre os estados. PÁGINA 4

Canto como processo terapêutico

Idealizado pela fonaudióloga e estudante de filosofia Claudia Monteiro, o grupo de canto-terapia tem como um dos objetivos aumentar a autoestima dos participantes. A atividade é um processo terapêutico que usa o canto para melhorar o equilíbrio emocional, a saúde física e a comunicação com o público. O projeto faz parte da Rede de Empreendimentos da PUC-Rio, a Respuc, e ocorre todas as sextas-feiras, na sala de estudos do Nead, no subsolo do Ginásio. PÁGINA 10

Ricardo Oiticica ganha homenagem

O Prêmio Ricardo Oiticica de Melhores Práticas de Leitura foi lançado em abril e homenageia o ex-diretor do Instituto Interdisciplinar de Leitura, Ricardo Oiticica, morto

no ano passado. No encontro, também houve o lançamento do livro Vatapaenses Vasos Comunicantes, do Vice-Reitor de Desenvolvimento, Sérgio Bruni. PÁGINA 8

GABRIELA DORIA



Sérgio Bruni distribuiu exemplares do 'Vatapaenses' durante lançamento

Ciclo de debates relembra ditadura

O Departamento de História organizou uma série de debates sobre os anos do golpe militar. A anistia e o

trabalho das Comissões da Verdade foram alguns dos assuntos abordados no encontro. PÁGINA 3

Estudantes estrangeiros relatam a vida no país

A diversidade cultural brasileira atrai milhares de pessoas ao país. Alimentação, hábitos de higiene e comportamento são alguns dos aspectos que chamam a atenção e, às vezes, causam estranhamento aos intercambistas. Atualmente, a Universidade tem cerca de 500 estudantes internacionais. Quatro alunos relatam as experiências no Brasil e comentam as principais diferenças para eles. PÁGINA 9

GABRIELA DORIA



Intercambistas e a vida no Brasil

REITOR

Nesta edição, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aborda a importância do debate sobre o tráfico humano. Segundo a OIT, estima-se que as vítimas do trabalho forçado e exploração sexual chegam a 20 milhões de pessoas no mundo. PÁGINA 2

Uma quarentona com histórias e aventuras

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO CCR PONTE



PÁGINA 11

Série Os cem anos da Primeira Guerra Mundial



PÁGINAS 6 E 7

DIOGO MADUELL

REITOR

**Tráfico humano:
um desafio a ser superado**

Neste ano de 2014, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou a Campanha da Fraternidade, cujo tema diz respeito ao tráfico humano, um assunto que inquieta a sociedade, e que merece ser estudado, refletido e debatido na Universidade. Sendo uma problemática global e regional, que envolve várias áreas do conhecimento, é importante que todos os setores da vida acadêmica estejam sensíveis, empenhando-se em opinar, debater, denunciar e buscar soluções que contribuam para as políticas de Estado, e a correção deste crime que envergonha, fere e diminui a dignidade do ser humano, como filhos e filhas de Deus.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), estima-se que as vítimas do trabalho forçado e exploração sexual chegam a 20 milhões de pessoas no mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) calcula que o tráfico humano rende cerca de 32 bilhões de dólares anu-

ais, sendo um dos crimes mais lucrativos, ao lado do tráfico de drogas e de armas. No Brasil, o tráfico humano é uma exploração que atinge principalmente mulheres, crianças e adolescentes, no mercado do sexo, e na exploração de trabalhadores escravizados.

Recentemente, falando sobre a temática, o Papa Francisco pediu aos brasileiros que se mobilizem contra o tráfico de pessoas, pois "não é possível ficar impassível, sabendo que existem seres humanos tratados como mercadorias! Pensemos nas adoções de crianças para a remoção dos órgãos, das mulheres enganadas e obrigadas a se prostituírem, e nos trabalhadores explorados, sem direito e sem voz". O Papa lembrou que "a dignidade humana é igual em todo o ser humano: quando piso no outro, estou pisando na minha".

O Ministério da Justiça do Brasil iniciou uma campanha contra o tráfico de pessoas, denominada de Coração Azul, cujo lançamento do Comitê Azul no Rio de Janeiro,

aconteceu em outubro de 2013 na PUC-Rio, contando com a presença do Ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, do Secretário Nacional de Justiça, Paulo Abrão, antigo aluno de nossa Universidade, da atriz Glória Peres, do Reitor Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ, e de outras autoridades e convidados.

Que este tema tão sério, espinhoso e polêmico, que envolve dimensões humanas, sociais, religiosas e tecnológicas, possa ser objeto de debates e discussões em nossa Universidade neste ano de 2014, sabendo que podemos contribuir direta ou indiretamente para minimizar este problema que escraviza a liberdade humana, explora e humilha o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, envergonha a sociedade, e projeta uma imagem negativa de nosso país. Contamos com o apoio e a colaboração de todos.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

A internacionalização da PUC-Rio

Junto com os responsáveis da nossa Coordenação Central de Cooperação Internacional e em nome da PUC-Rio, recebo geralmente as delegações das Universidades estrangeiras que nos visitam e desejam estabelecer relações mais estreitas com a nossa Universidade: mediante intercâmbios de alunos ou professores ou colaborando em projetos comuns de ensino ou pesquisa. Essas visitas têm se multiplicado nesses últimos anos. Hoje a PUC-Rio se relaciona com mais de 300 Universidades do mundo todo e esse número tende a aumentar. Por outro lado, mais de 1.400 estudantes estrangeiros fre-

quentam cursos na PUC e mais de 400 dos nossos estudantes frequentam universidades estrangeiras.

Além do seu valor puramente acadêmico, essas relações são humanamente muito importantes e enriquecedoras tanto para professores como para alunos, no mundo global em que vivemos. Esses intercâmbios nos permitem apreciar melhor os inegáveis valores de outras culturas, valorizar a nossa própria cultura e, ao mesmo tempo, relativizá-la: não somos os donos da verdade, nem de tudo o que há de bom e belo no mundo!

Exploramos ainda pou-

co o grande potencial dessa crescente internacionalização para toda a nossa comunidade universitária, incluindo os nossos antigos alunos. Nem todos os nossos ex-alunos, quando estudavam na PUC, tiveram a oportunidade de experimentar essa crescente e promissora internacionalização. Seria interessante ouvir, senão periodicamente, pelo menos um dia, as impressões desses estudantes estrangeiros sobre a PUC-Rio, como também compartilhar a experiência dos nossos estudantes em Universidades de outros países.

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR DA PUC-RIO

www.aapucurio.com.br

Errata

Na edição do Jornal da PUC nº 279, o crédito da foto de capa da publicação, referente à chamada Memórias de um passado doloroso, é do acervo do Jornal Correio da Manhã, cedida pelo Arquivo Nacional. Na página 9,

a foto da apuração das eleições da UNE é de autoria do professor Alfredo Jefferson de Oliveira, do Departamento de Artes e Design, e faz parte do acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Para Não Esquecer

**“Quem cala sobre teu corpo
consente na tua morte”**

EVANDRO TEIXEIRA/ACERVO DO AUTOR



A cavalaria investe contra os civis na saída da missa pelo estudante Edson Luis, na Igreja da Candelária (4/4/1968)

O título deste artigo é um trecho de uma canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, composta em memória de Edson Luis, estudante secundarista morto pela repressão, em 28 de março de 1968. Foi assassinado enquanto se preparava um protesto contra as péssimas condições do restaurante estudantil, o Calabouço. Coincidentemente, a missa de sétimo dia do estudante paraense, realizada no dia 04 de abril de 1968, ocorreu no mesmo dia do assassinato do ativista norte-americano Martin Luther King, militante na defesa dos direitos civis da população negra e que enxergava na não violência uma forma de reivindicação eficaz.

Na foto cedida por Evandro Teixeira para esta coluna está registrado o momento de barbárie e horror que sucedeu à missa de sétimo dia de Edson Luis. A morte do estudante tornou-se um símbolo contra a opressão e evidenciava a violência praticada pelo regime militar. No dia da missa compareceram centenas de estudantes, mães, artistas e intelectuais, alguns deles da PUC-Rio, transformando o rito fú-

nebre em ato de resistência contra o regime. Enquanto a cerimônia acontecia, já se podia ouvir a movimentação de policiais militares, soldados e o som estremeedor do helicóptero que sobrevoava a Igreja da Candelária.

Dispensar a multidão era o objetivo da tropa, e aqueles que saíam da igreja eram encurralados e espancados. No término da missa, como se inspirados pela futura canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, os padres que celebraram a missa tomaram partido do povo e deram-se os braços, formando um cordão de isolamento entre a truculência da polícia e a população indefesa.

O que era para ser respeito e reverência a um companheiro injustamente morto transformou-se em desrespeito e violência contra a população. Até mesmo o direito à lembrança pareceu estar ameaçado. Porém, ninguém pode impedir a memória, que não se cala diante daquele corpo, nem consente no silêncio sobre a nossa história.

■ IGOR VALAMIEL
E MATHEUS LIMA TARGUETA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª. Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. Fotografia: Prof. Weiler Finamore Filho. Ilustração: Prof. Diogo Maduel. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lillian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: redacao@impresso.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br. Impressão: gráfica do Lance.

Encontro: Reitor padre Josafá e Dom Orani Tempesta participam de audiência com o Papa Francisco no Vaticano

**Papa recebe exemplos da
produção da PUC na JMJ**

O legado ecológico da JMJ foi um dos pontos abordados em documento

DAVI BARROS

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., se encontrou com o Papa Francisco, no Vaticano, na manhã do dia 7 de abril, para entregar ao Santo Padre o relatório do que a Universidade realizou durante a Jornada Mundial da Juventude. O Grão-Chanceler da PUC-Rio e Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Orani João Tempesta, O.Cist., chefiou a comitiva que visitou o Sumo Pontífice.

Dentre os trabalhos apresentados no relatório estão a Apresentação do Legado Ecológico, que relembrou o papel do jovem como guardião do meio ambiente; o acolhimento de jovens dos Grupos Magis Brasil e do Movimento Eucarístico Jovem; o encontro com o Papa Francisco no Sumaré e o filme *Rio de Fé* dirigido pelo



Padre Josafá, Dom Orani e Papa Francisco conversaram sobre o sucesso da Jornada Mundial no Rio de Janeiro

Debate: Universidade promove série de encontros para lembrar época do golpe militar instituído na década de 1960

Depois de 50 anos, lembranças voltam à mente

Professores e ex-alunos relatam fatos do período ditatorial e contam as experiências vividas naquela época

DAVI BARROS

Comemoração às avessas, descomemoração e lembrança. No encontro realizado pelo Departamento de História, intitulado 50 anos depois do golpe, essas denominações foram sugeridas. Os debates sobre a ditadura militar ocorreram do dia 1º ao dia 3 de abril.

No primeiro dia foram discutidas atividades das Comissões da Verdade. Quatro professores da Universidade participaram do debate. A professora emérita do Departamento de História Margarida de Souza Neves, que estudava na Universidade na época do golpe, contou que veio à PUC em 1º de abril de 1964, cheia de coragem para enfrentar as forças defensoras do golpe. Ainda hoje, recorda-se da presença do estudante da PUC morto pela ditadura, Raul Amaro Ferreira. Margarida comentou o orgu-

lho que tem de ser Coordenadora Acadêmica do Núcleo de Memória da Universidade.

– Tive a intuição de que vale a pena fazer o trabalho no Núcleo de Memória depois de ver as pessoas reproduzirem os cartazes da década de 60 – disse.

O diretor do Departamento de História e integrante da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Marcelo Jasmin, falou da pesquisa que fez na CNV, na qual descobriu o que já se suspeitava: as torturas não começaram depois do AI-5, mas sim logo no primeiro dia do golpe.

– O que as comissões têm feito é levantar documentos que ponham em cheque as “versões oficiais”. As hipóteses de ditadura benevolente no início são infundáveis. A violência da ditadura não começou depois, a ditadura é a violência.

Também participaram do encontro o professor da pós-graduação do Departamento de Direito

e professor do Instituto de Relações Internacionais, José Maria Gómez, e o professor da pós-graduação do Departamento de Direito e membro da Comissão Estadual da Verdade, João Ricardo Dornelles.

O segundo dia foi marcado pela exibição do filme *Os Advogados contra a ditadura*, por uma questão de justiça, dirigido

“**A violência da ditadura não começou depois, a ditadura é a violência**”

Marcelo Jasmin

do pelo cineasta Sílvio Tendler, professor do Departamento de Comunicação Social. Após a apresentação do longa-metragem, houve um debate com a participação de Tendler, do professor Fernando Sá, do Departamento de Comunicação Social e autor do livro *Advogados e a Ditadura de 1964 – A defesa dos perseguidos políticos no Brasil*, que inspirou o filme, e do professor Adriano Pilatti, do Departamento de Direito.

– O cinema brasileiro hoje só quer fazer filme que venda, não se importando com a crítica. Eu acho que filme é feito para ser visto, não para dar lucro. Eu não me importo, por exemplo, se eu tenho um filme muito pirateado, mas muito visto – afirmou Tendler.

Fernando afirmou que não compreende por que os advogados não são muito citados, apesar de eles terem sofrido perseguição política, justamen-

te por defender os acusados pelo regime.

– O objetivo maior foi recuperar a história e a participação deles. Porque atualmente fala-se muito dos militares e dos resistentes, mas pouco dos advogados, que também arriscaram suas vidas, seus escritórios, suas reputações. Eles foram presos e tiveram escritórios invadidos – disse.

O terceiro dia contou com a presença de pessoas que foram estudantes da Universidade na época do regime e que voltaram à PUC como professores. A ex-aluna e ex-professora do Departamento de Física Maria Augusta Davidovich, o ex-aluno de física e professor do Departamento de Engenharia de Materiais Raul Nunes e o ex-aluno do Departamento de História e ex-professor do Instituto de Relações Internacionais Pedro Cunha contaram as experiências vividas na época.

Além da Audiência, Padre Josafá Siqueira participou da celebração nas catacumbas de São Sebastião, em Roma, presidida pelo Cardeal Dom Orani. O local guarda as relíquias do santo, que é padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

Palestra: Seminário reuniu estudiosos da PUC e da UFRJ para discutir questões sociais, raciais, regionais e educacionais

Fim da desigualdade em pauta

A eficiência das políticas públicas brasileiras foi analisada pelos debatedores

GABRIEL PINHEIRO

A desigualdade foi assunto de um seminário organizado pela professora Ângela Paiva, do Departamento de Ciências Sociais, no dia 2 de abril. O debate Perspectivas sobre desigualdade contou com a participação de pesquisadores da PUC e da UFRJ que estudam esta temática, presente de diferentes formas na sociedade brasileira. Questões sociais, raciais, regionais e educacionais foram abordadas pelos estudiosos.

Para o antropólogo Roberto DaMatta, professor do Departamento de Ciências Sociais, a desigualdade surge quando existe mais individualismo entre as pessoas. Mas, para ele, uma sociedade hierárquica não é sinônimo para a existência de desigualdade.

Toda organização precisa de uma hierarquia. Então, a igualdade aparece como um valor na medida em que você tem mais consciência de que a igualdade foi melhor para alguns e não foi tão boa para todos – observou.

Professora do Programa de



O professor Roberto DaMatta observou que sociedades hierárquicas não são sinônimos de desigualdade

Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Maria Ligia Barbosa observou que houve um aumento de 5 milhões de pessoas no Ensino Superior nos últimos 15 anos, o que tornou o campo acadêmico do Brasil mais complexo e diversificado. Outro dado apresentado por ela foi que a idade

média das pessoas que ingressam nas faculdades está crescendo, o que indica que indivíduos de grupos mais próximos às classes populares passam a fazer parte mais ativamente do sistema de ensino brasileiro.

– A presença das classes populares nas universidades é um fator positivo e um indicador

de que estão sendo feitas políticas de combate à desigualdade, e que de alguma maneira tem funcionado. Se eles estão entrando, isso é um fator muito positivo. O problema é em que medida essas políticas vão ser capazes de fazer com que os novos entrantes permaneçam na universidade até o fim.

A questão da desigualdade regional foi abordada pelo professor Ricardo Ismael, do Departamento de Ciências Sociais. Ele falou sobre o federalismo e apresentou uma perspectiva histórica sobre a desigualdade entre os estados. Ismael destacou que os processos migratórios são importantes para compreender o problema. Ele também comentou sobre os impactos maiores ou menores de projetos sociais e políticas públicas para combater as diferenças regionais, como o Bolsa Família.

A historicidade e o conceito de juventude foram analisados pela professora da UFRJ Regina Novaes. Ela observou o impacto das transformações sociais recentes, com foco nas novas tecnologias da informação e da comunicação.

Regina comentou a percepção que os jovens têm sobre o que é juventude e sobre as desigualdades sociais as quais eles estão sujeitos. A professora Elisa Reis, da UFRJ, abordou o conceito relacional da desigualdade. Para isto, ela fez uma análise histórica com ênfase no processo da constituição.

Pesquisa: Palestrantes analisam costumes culturais no Rio de Janeiro

Hábitos dos cariocas são mapeados pelo Datafolha

Durante folga, cultura preenche atividades de 16% das pessoas

DAVI BARROS

Pouca produção para a grande demanda de filmes de comédia nacionais e a exclusão cultural das pessoas com mais de 60 anos foram os dados mais relevantes comentados na palestra Hábitos Culturais dos Cariocas. No encontro, realizado dia 27 de março, na PUC, o diretor da J.Leiva, João Leiva, e o gerente de investimentos do RioFilme, Rodrigo Guimarães, analisaram a pesquisa feita pelo Instituto Datafolha sobre o que os cariocas gostam de fazer no tempo livre.

Segundo Guimarães, a ideia de realizar o estudo, inédito na cidade e com 1.500 entrevistados, foi mapear quais são os hábitos culturais do

município do Rio de Janeiro. E entender o que o carioca gosta de consumir, para poder ofertar o produto mais adaptado a essa demanda.

Ele ressaltou o caso das comédias e dos documentários nacionais. Os filmes de humor são os mais consumidos pela população carioca, mas não são os mais produzidos, enquanto os documentários são produzidos para uma baixíssima audiência por filme.

– Hoje o documentário tem que ser sobre uma grande referência para ter público. O filme do Pelé, por exemplo, teve quantidade semelhante de cópias vendidas em DVD e a de ingressos no cinema – ressaltou.

A pesquisa revelou que, dentre os 16% que fazem ati-

vidades culturais no tempo livre, há quatro categorias: 95% ouvem música, 94% assistem a filmes, 68% vão ao cinema e 64% leem livros. Exceto o ato de ir ao cinema, as outras três atividades podem ser feitas em casa.

A influência da internet, principalmente no público mais jovem, também foi abordada durante a apresentação pelo presidente da J.Leiva.

– O que fica evidente na pesquisa quando a gente pergunta como as pessoas escolhem atividade cultural, no conjunto da população, a TV aparece em primeiro lugar. Agora, quando você pega o jovem, na faixa de 12 a 24 anos, esse percentual explode e bate a TV. É uma realidade inevitável – afirmou.

Sétima Arte: Diretor recomenda muita leitura

Padilha faz análise do cinema nacional

Cineasta ressalta a importância de um bom roteiro para o êxito cinematográfico

ERICKA KELLNER

O diretor de *Tropa de Elite*, José Padilha, criticou o tipo de produção que está sendo feita no cinema brasileiro. O cineasta participou de um encontro organizado pelo Centro Acadêmico de Comunicação Social (Cacos) no auditório do RDC, no dia 27 de março. Por causa dessa insatisfação, o diretor, vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim em 2008, disse que continuará realizando trabalhos no exterior.

– Não está dando muita vontade de fazer cinema no Brasil, pois todos os filmes são comédias românticas, que pedem um orçamento relati-

vamente baixo. Dada essa circunstância, vou fazer filmes lá fora também. Mas tenho projetos aqui, e estou tentando fazer um canal de produção de filmes que passe por fora dessa estética televisiva que eu não gosto – declarou.

Questionado sobre como um profissional da área pode alcançar o sucesso, Padilha afirmou que o roteiro é o principal fator que torna um filme bom ou ruim. Como conselho, ele recomendou.

– As pessoas acham que o cinema é uma arte visual e não é. Cinema é roteiro. É uma arte narrativa. Então indico para quem quer ser cineasta que foque no roteiro antes de tudo – afirmou.

Fé: Aposentada relata como filha foi curada pela intercessão de padre jesuíta após nascer sem ossos do calcanhar direito

O testemunho de um milagre de Anchieta

Leonila Sartório Valiate recorda como se tornou devota do religioso

DIEGO ROMAN E ERICKA KELLNER

Ter fé é acreditar que o impossível pode se tornar real. E foi pela fé que a aposentada católica Leonila Sartório Valiate, 77 anos, alcançou um milagre. Em 1958, a primeira filha dela, Maria Auxiliadora, nasceu sem os ossos do calcanhar direito, mas, pela intercessão do padre José de Anchieta, foi curada.

Leonila conta que a cunhada entregou-lhe um pedacinho de pano que havia tocado na relíquia do santo, um pedaço do fêmur de Anchieta. A família passou a rezar com o tecido em cima do pé do bebê e, um mês e meio depois, os ossos do calcanhar de Maria Auxiliadora haviam sido formados. Segundo Leonila, a família só tirava o paninho dos pés da criança na hora do banho.

– Quando recebi o pano, eu senti que José Anchieta era um santo canonizado do céu, mas não reconhecido. Eu prometi que, se o padre curasse minha filha, faria o nome dele conhecido no mundo todo como santo – contou.

Após o milagre, a mãe e o pai levaram Maria Auxiliadora na Catedral da cidade de Cachoeira de Itapemirim (ES), onde moravam. Um padre do local orientou a família a pegar uma declaração com o médico que atendeu o caso, que na época afirmou não poder solucionar o problema. A aposentada relata que o médico não era católico e ficou “chocado” ao perceber a cura da recém-nascida.

De posse do atestado, a família foi até a igreja onde o missionário jesuíta morreu,

em Anchieta, cidade fundada por ele no interior do Espírito Santo, para relatar o caso, que depois foi levado para Roma. Após 56 anos, Leonila conseguiu concretizar o desejo de ver padre Anchieta oficialmente canonizado.

– Eu disse “meu Deus, não me deixe morrer, sem vê-lo canonizado”. É uma grande alegria presenciar esse momento – declarou.

A aposentada conta que a filha cresceu saudável e sonhava em ser médica. Os familiares, no entanto, não tinham condições de arcar com os custos. Mesmo com o obstáculo, a mãe a apoiou. Após muito esforço, a menina conseguiu formar-se em Medicina e atua como pediatra em São Paulo.



Leonila Sartório participa da missa de Ação de Graça de Padre Anchieta

Religião: Padre jesuíta José de Anchieta recebe título de santo pela importância religiosa e por evangelizar indígenas

Canonização de Apóstolo do Brasil é celebrada

Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist, preside missa de Ação de Graças na Catedral Metropolitana do Rio

DIEGO ROMAN E ERICKA KELLNER

A canonização do beato José de Anchieta foi comemorada, no dia 2 de abril, em uma missa de Ação de Graças na Catedral Metropolitana. O Cardeal Arcebispo do Rio, Dom Orani João Tempesta, O.Cist, presidiu a celebração que contou com o Reitor Padre Josafá de Siqueira, S.J., bispos auxiliares, seminaristas e fiéis.

No início da missa, Dom Orani relembrou a importância de Anchieta para a história

brasileira e ressaltou a criatividade do beato na evangelização dos indígenas.

– É impossível reescrever a história do Brasil sem José de Anchieta. A sua influência na cultura, na educação, e o diálogo com os indígenas é inegável. Ele tinha um olhar diferente sobre os índios e conseguiu evangelizá-los com respeito. Soube como ninguém aproveitar o teatro, a música e as tradições nativas para passar o conhecimento aos mais jovens – declarou.

Para o Reitor Padre Josafá, a canonização de Anchieta é o reconhecimento público de uma pessoa que se doou de maneira gratuita ao Evangelho. Ele ainda assinalou o talento do missionário de unir povos pela diplomacia, algo raro atualmente.

– Devemos sempre fazer como Anchieta: gestos pequenos, mas simbólicos. Ele tem importância cultural, está na base da literatura brasileira. Também mediava a paz nos conflitos indígenas. Esse tipo de diplomacia faz falta hoje em dia – afirmou.



Cardeal ressalta a importância cultural de Anchieta para o Brasil

ENERGIZE SEU CURRÍCULO

Tenha uma importante experiência profissional e ainda ganhe créditos em atividades complementares.

programa respuc voluntári

Mais informações: www.puc-rio.br/respuc

Em lembrança aos cem anos do início da Primeira Guerra Mundial, o Jornal da PUC prepara uma série de reportagens sobre o conflito. Os repórteres do Jornal se reuniram com o professor Márcio Scalercio, do Instituto de Relações Internacionais da Universidade, para discutir possíveis assuntos a serem abordados na série. A ideia é apresentar ao leitor fatos menos conhecidos do confronto.

Quem era Princip?

A história do autor do atentado de 1914

ARTHUR MACEDO E NORMAN PRANGE

Em 28 de junho de 1914, o estudante Gavrilo Princip baleou o herdeiro do trono austro-húngaro, Franz Ferdinand, em Sarajevo. Um mês após o atentado, era decretada a Primeira Guerra Mundial, conflito de proporções globais que envolveu as grandes potências mundiais e deixou, segundo as estimativas, até 17 milhões de mortos. Se a Gripe Espanhola, doença que atingiu o mundo em 1918, for considerada consequência da Guerra, o número de vítimas chega a 65 milhões.

Em 1894, Princip nasceu em Obljaj, cidade pequena da atual Bósnia-Herzegovina, à época sob domínio austro-húngaro. Conforme registros, ele teria nascido no dia 13 de junho ou julho, usando o calendário Juliano, que estava 12 dias atrasado comparado ao calendário Gregoriano. Independente do dia, Princip tinha 19 anos quando assassinou Franz Ferdinand. A pouca idade o salvou da pena de morte, aplicada somente a maiores de 20 anos.

A família de Princip, formada por agricultores, era pobre e não conseguia sustentar os filhos. Seis dos oito irmãos morreram crianças. Em busca de uma vida melhor, Princip se mudou para Sarajevo, a capital da província austro-húngara. Destacou-se na escola, onde conheceu jovens que reivindicavam a liberdade do Império.

Ainda estudante, ingressou na organização clandestina Mão Negra, ligada à "Jovem Bósnia", que recorria a atos terroristas como forma de atividade política. O objetivo do movimento era a libertação dos países eslavos nos Bálcãs da Áustria-Hungria.

Após deixar o colégio, Princip viajou para a Sérvia, onde preparou o assassina-

to do herdeiro austro-húngaro. Recebeu apoio de nacionalistas sérvios, mas seus motivos nunca foram exclusivamente sérvios.

Em relação às convicções políticas, Princip não apoiava o nacionalismo exclusivamente sérvio. De acordo com Tim Butcher, que escreveu, para o jornal *The Telegraph*, uma reportagem sobre o episódio, Princip era a favor da expulsão dos estrangeiros nas regiões eslavas para que os locais pudessem assumir o comando.

O historiador Miloš Jagodić, da Universidade de Belgrado, afirma que muitos sérvios consideraram Princip como símbolo de resistência contra os invasores estrangeiros.

– Os sérvios têm orgulho da história da Primeira Guerra e dos avanços militares, embora tenham sofrido gravemente no conflito. A maioria das pessoas se orgulha da rejeição do Ultimato de 1914, independente do preço pago. Mas, oficialmente, Princip não é reverenciado como herói – conta.

Princip planejou o atentado com outros membros da Mão Negra, entre eles, Trifun Grabež e Nedjelko Čabrinović. O grupo teve apoio do major sérvio e membro da organização, Vojislav Tankosić, que lhes forneceu granadas e munição, além de dinheiro, pílulas de suicídio, treinamento e um mapa com o posicionamento da guarda. Os militares sérvios queriam enfraquecer o Império.

O professor Márcio Scalercio, do Instituto de Relações Internacionais da PUC, explica que o assassinato causou uma crise política na Europa.

– O Império Austro-húngaro perdia espaço. O assassinato foi uma confusão que envolveu os sérvios da Bósnia contra a anexação do país pela Áustria-Hungria. Esse cenário estabeleceu um confronto com a Rússia, porque ela exercia o papel de protetor dos sérvios. O assassinato foi em junho, mas a

Guerra só estourou em agosto. A diplomacia não conseguiu resolver a crise – aponta.

Condenação

Após o atentado, Princip foi imediatamente detido. Os envolvidos acabaram capturados e julgados. Os três principais culpados, Princip, Čabrinović e Grabež, foram condenados a 20 anos de prisão.

Conforme a Lei de Habsburg, a pena de morte somente se aplicava a maiores de 20 anos. Princip não cumpriu o tempo total da punição devido à tuberculose, causa da sua morte em 1918, seis meses antes do fim da Guerra.

O atentado provocou tensões entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia. No Ultimato de Julho, a Áustria-Hungria exigiu dez providências dos sérvios. Entre outras, a prisão dos envolvidos no assassinato. Além disso, a Sérvia deveria abrir uma investigação judicial contra os cúmplices da conspiração de 28 de junho, com órgãos delegados pelos austro-húngaros.

A Sérvia cumpriu somente parte das exigências, razão pela qual o Império rompeu as relações diplomáticas com o país. Quando soldados sérvios cruzaram a fronteira no dia seguinte, a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia.

Segundo o professor Miloš Jagodić, é importante enfatizar que o assassinato de Franz Ferdinand é visto, pelos sérvios, como mera desculpa para atacar o país. Para outros, o autor do atentado foi o terrorista responsável por provocar a Primeira Guerra Mundial. Christopher Clark, da Universidade de Cambridge, diz que é uma questão de perspectiva.

– Princip e seus cúmplices não queriam matar civis inocentes nem espalhar terror. Eles queriam criar um clima de medo entre a elite política. Hoje em dia, Princip e seus cúmplices não seriam considerados terroristas – analisa.

O Brasil na Primeira Guerra Mundial

Segundo especialista de história militar, a participação foi mais simbólica do que efetiva

ARTHUR MACEDO E NORMAN PRANGE

Ao lado dos Estados Unidos, da França e Inglaterra, o Brasil apoiou as intervenções contra a Alemanha, Áustria-Hungria e o Império Otomano. O país declarou guerra em 26 de outubro de 1917, após submarinos alemães torpedearem navios brasileiros em diferentes partes do mundo, como regiões próximas à costa francesa e espanhola. Por causa do apoio prestado no fim da Guerra, o Brasil atingiu reputação internacional.

O pesquisador Valterian Braga Mendonça, especialista em História Militar Brasileira e pesquisador do Instituto de Estudos Estratégicos (Inest), explica que a contribuição militar foi mais simbólica e não tão efetiva.

– A importância fundamental da participação residiu na ajuda comercial. Na venda de alimentos e minérios, tal

como no transporte de bens. O apoio médico e diplomático serviu para angariar simpatias dos aliados e para mover a opinião pública em favor deles. Os benefícios do apoio militar brasileiro foram pouco significativos – afirma.

Devido à influência cultural francesa no Rio de Janeiro, que era o centro do poder político e econômico na época, a opinião pública se mostrou majoritariamente favorável à causa aliada. A maioria das personalidades do país, entre políticos, jornalistas e literatos, apoiava a participação brasileira no conflito. Quando o Brasil declarou guerra à Alemanha, uma multidão correu ao Palácio Itamaraty, onde o Ministro das Relações Exteriores Nilo Peçanha discursava, para celebrar a decisão. Enquanto isso, estudantes desfilaram, com bandeiras dos aliados, pelas ruas da cidade.

O Brasil mandou oito navios para patrulhar a costa afri-

cana entre Dakar, no Senegal, as Ilhas de Cabo Verde e o Estreito de Gibraltar. Além disso, uma equipe de aviadores foi à Inglaterra para treinar e proteger o Canal da Mancha. Observadores militares avaliaram material bélico na França e nos Estados Unidos.

Em Paris, cem enfermeiras e médicos brasileiros equiparam e operaram um hospital com 500 leitos. No conjunto, Mendonça avalia a contribuição do Brasil na Guerra como pequena, dada à fragilidade econômica e militar do país na época. Porém, alega que o governo brasileiro ajudou como pôde aos aliados.

Como o baixo desenvolvimento militar do Brasil se evidenciou na Guerra, a França e os Estados Unidos realizaram missões de instrução para o Exército e para a Marinha. A cooperação militar estreitou

as relações brasileiras com a França. Apesar dos avanços nas relações internacionais, o Brasil se mostrou subserviente aos interesses comerciais norte-americanos, inclusive na política interna. Segundo Mendonça, o governo se submeteu às ambições das grandes potências.

– O interesse maior do Brasil era se projetar e conquistar uma posição de destaque no mundo, posicionando-se entre as grandes potências nas negociações dos Tratados de Paz. O país alcançou destaque internacional, então – explica.

O Brasil foi reconhecido como membro fundador da Liga das Nações, em junho de 1919, mesmo sem obter assento permanente, o que era o grande objetivo. A compensação econômica foi a aquisição de 42 navios alemães e o pagamento do café, vendido à Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial.



Literatura: Livro do professor Sérgio Bruni aborda aspectos da Bahia

Homenagem com toque de acarajé

Ricardo Oiticica é lembrado por colegas durante lançamento de prêmio literário



GABRIELA DORIA

Lançamento do Prêmio Ricardo Oiticica de Melhores Práticas de Leitura em sala do prédio do Instituto Tecgraf

ARTHUR MACEDO

Palmeiras, cocos, incensos, fitinhas do Bonfim e comidas típicas. No dia 8 de abril, um pouquinho da Bahia esteve no prédio do Instituto Tecgraf, durante o lançamento da segunda edição do livro *Vatapagens Vasos Comunicantes*, do Vice-Reitor de Desenvolvimento, professor Sérgio Bruni. O encontro também marcou o lançamento do Prêmio Ricardo Oiticica de Melhores Práticas de Leitura, homenagem ao professor Ricardo Oiticica, ex-diretor do Instituto Interdisciplinar de Leitura que morreu em outubro do ano passado.

Para Bruni, Oiticica deixou um legado grande para os que conviveram com ele. Inclusive,

o prefácio da edição do livro foi assinado pelo homenageado e escrito um dia antes de morrer.

– O livro é dedicado a ele. Foi o último prefácio que ele escreveu. Escreveu na sexta e faleceu no sábado. Na minha apresentação, faço a dedicatória a ele – disse.

Durante o lançamento do prêmio, Bruni lembrou que, apesar do período diminuto de convivência, a relação com Oiticica foi intensa.

– O Ricardo foi uma pessoa muito especial na história da leitura e literatura na PUC. Além de professor, era pesquisador, poeta, animador cultural e ótimo jogador de futebol. Era uma pessoa completa. É um privilégio termos um prêmio com o nome dele – ressaltou.

Sylvia Oiticica, viúva de Ricardo, foi uma das representantes da família na cerimônia. Sylvia afirmou se sentir honrada com o lançamento do prêmio.

– Foram 20 anos de casados. São muitas lembranças. A família se sente homenageada e honrada. Estamos bem representados – disse.

Sobre o livro, Bruni observou que o leitor pode esperar uma leitura leve. A ideia, segundo o autor, é fazer uma exaltação aos aspectos da Bahia.

– É um livro que trata dos aspectos interioranos e culturais da Bahia. É um mosaico de facetas da região em uma linguagem de prosa poética com uma ilustração bonita. É uma leitura tranquila com certo odor de dendê – completou.

Livro: Ex-estagiário do Núcleo Impresso do Projeto Comunicar lança obra com reflexões sobre as experiências de vida

Uma ferramenta de crescimento e identificação

Projeto literário 'Contramão', do jornalista Thomas Albert Freund, apresenta análises de questões cotidianas

DIEGO ROMAN

O jornalista Thomas Albert Freund, 27 anos, ex-estagiário do Núcleo Impresso do Projeto Comunicar, lançou o livro *Contramão*. Segundo o autor, são reflexões que surgiram a partir das experiências no mercado de

trabalho. Freund define o livro como uma radiografia da alma.

– O *Contramão* não é nenhum tipo de perversão, é o que deveria ser o correto, a mão correta. A minha mão correta é a contramão, pois é mão dos encontros, do respeito, do carinho, do amor e da presença.

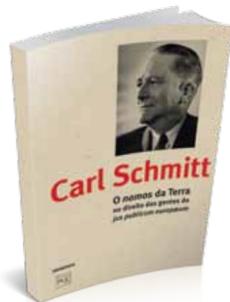
Formado em Jornalismo e Publicidade, Thomas também fez pós-graduação em Gestão do Entretenimento. Desde que se formou, em 2008, trabalhou com jornalismo esportivo em diferentes veículos de comunicação, como televisão e internet.

Thomas diz que o livro é um momento de reflexão que as pessoas precisam ter na vida e deseja que a obra sirva como uma ferramenta de crescimento e identificação para o leitor. Para ele, a aproximação entre as pessoas é cada vez mais rara, pois elas estão ligadas às tecnologias.

– Atualmente, as pessoas só se falam por mensagens, tanto por SMS ou por aplicativos do celular. Falta um pouco de encontro, um pouco de olho no olho, o respeito maior de ouvir o outro. As pessoas acham que se relacionar virtualmente basta.

NA ESTANTE

Editora PUC



O 'nomos' da Terra no direito das gentes do 'jus publicum europæum'



Os advogados e a ditadura de 1964: a defesa dos perseguidos políticos no Brasil



Um jeito copacabana de ser

www.editora.vrc.puc-rio.br

Originalmente publicado no ano de 1950, na Alemanha, o livro é o trabalho mais importante de Carl Schmitt sobre História e Geopolítica. Schmitt nasceu no fim do século XIX, período de rupturas sociais e políticas. Nesta obra, Schmitt discute os possíveis pontos de partida para uma nova ordem global e propõe mudanças do velho direito das gentes, centrado na Europa, para um direito internacional, feito sob medida para as superpotências.

Os advogados e a ditadura de 1964: a defesa dos perseguidos políticos no Brasil relata a trajetória de um grupo de 15 profissionais do Direito que enfrentou a repressão em defesa dos perseguidos políticos durante a ditadura militar. A obra é organizada pelos professores da PUC-Rio Fernando Sá e Oswaldo Munteal, e da UFF, Paulo Emilio Martins. O volume traz depoimentos de perseguidos políticos, um caderno iconográfico com fotos e a estrutura normativa da época.

A autora Stela Kaz tenta desvendar como o estilo de vida que se desenvolveu, se consagrou e permanece vivo em Copacabana ainda constitui a feição pela qual o Rio de Janeiro é conhecido no mundo. Nas décadas de 1940 e 1950, todo o Brasil queria ser um pouco "Copacabana". O livro versa sobre o vasto coletivo das referências textuais e visuais, conceitos e modos de ver por meio dos quais o mito "Copacabana" se realiza no imaginário.

NORMAN PRANGE

Receber estudantes internacionais é uma tradição na PUC. Hoje, 500 alunos de diversos países, como os Estados Unidos, a França, Espanha e Portugal, estudam na Universidade. Segundo a Coordenação Central de Cooperação Internacional (CCCI), que coordena os intercâmbios, o número tem aumentado nos últimos anos por causa do interesse pelo mercado de trabalho brasileiro. Áreas como Engenharia, Design, Economia e Relações Internacionais têm um peso importante para futuros profissionais. Para conhecer melhor a visão dos estudantes intercambistas sobre o país, o Jornal da PUC conversou com alguns sobre diferenças culturais e sociais.

O tunisiano Youssef Dogui, que viveu três anos na França, estuda Engenharia Energética e Ambiental. Ele gosta do jeito amigável dos cariocas, mas reparou diferenças nas relações interpessoais.

– Os brasileiros são simpáticos. Quando te conhecem, logo te tratam como amigo. Mas, depois de um tempo, você pode acabar correndo atrás deles. Na Tunísia, as pessoas costumam manter o contato – diz.

Para ele, os tunisianos e os brasileiros têm um aspecto em comum: passar tempo fora, na praia ou na rua, é muito importante. Na França, entretanto, as pessoas se encontram mais em casa, explica Youssef, 22 anos.

A primeira impressão que a inglesa Sheneez Amara teve dos brasileiros foi emblemática. Ela combinara de ficar na casa de

Experiências: Estudantes intercambistas relatam diferenças culturais que encontraram no Brasil

A descoberta do arroz com feijão

Alunos aprovam culinária, carinho e simpatia dos cariocas



GABRIELA DORIA

Julia Litzkow, Youssef Dogui e Sheneez Amara superaram adversidades

um carioca, mas ele não confirmou. Quando ela chegou ao Rio, encontrou-o na saída do aeroporto. Neste momento, Sheneez, 23 anos, aprendeu uma lição:

– A organização não é o mais importante aqui. Os brasileiros são espontâneos e resolvem os problemas na hora. Você acha que tudo dá errado, mas afinal dá certo – afirma.

Segundo ela, os brasileiros têm muitos conhecidos, mas não compartilham tudo. Na Inglaterra, as pessoas possuem menos amigos, mas a relação é mais profunda. Pode-se confiar nas pessoas em qualquer momento, explica a londrina.

Sheneez, que cursa Estudos Latino-Americanos em Liverpool, é vegana. Embora muitos

pratos tenham carne no Brasil, se alimenta só com frutas e legumes frescos. Às vezes, é difícil encontrar sua comida no restaurante. Ela, então, resolveu da seguinte forma:

– Quando pergunto ao garçom se tem comida vegetariana, ele nega. Aí pergunto: tem salada? Sim. E feijão? Tem. Assim, vou montando o prato. É possível sobreviver como vegetariano no Brasil – diz.

O japonês Takuya Imafuji, 21 anos, aluno do curso de português para estrangeiros, gosta da culinária brasileira. Adora carne e feijoada. No Japão, come legumes, arroz e molho de soja. Quando provou comida japonesa no Brasil, achou o gosto diferente.

– O sabor da yakisoba e do sushi é outro. A comida é preparada por chineses e brasileiros, que usam outras receitas – aponta.

Takuya, que não come comida japonesa preparada no Brasil, estranhou o barulho no

Rio. Além disso, Quando chegou à cidade, se assustou com o jeito descontraído do carioca. Os japoneses não costumam se tocar, beijar ou abraçar. Mas, após um mês, se acostumou. Para ele, a imagem dos brasileiros no Japão é realista, mas nem tudo está certo.

– Os japoneses acham que todo brasileiro adora Carnaval, mas conheço cariocas que não gostam – admite.

A alemã Julia Litzkow, 22 anos, que estuda ciências sociais, se surpreendeu com o carinho que os brasileiros lhe dão. As pessoas se preocupam com ela, pois acham que é uma "gringa perdida" na cidade. Para ela, existem hábitos brasileiros engraçados.

– Os ônibus não têm pontos muitas vezes. Além dos motoristas, há os trocadores, que não existem na Alemanha. Vi brasileiros usando talher para comer muffins. Professores e alunos escovam os dentes fora de casa – conta.

Empreendedorismo: Brownie, brigadeiro, casadinho, palha italiana e beijinho conquistam clientes fiéis na Universidade

Docinhos viram fonte de renda para estudantes

Com sucesso de vendas, alunos pensam em expandir os negócios e na possibilidade de criar marca própria

LETICIA GASPARINI

Eles são a perdição na vida de muita gente. Mas, para outros, podem ser uma forma de encher o cofrinho. Comuns nas festas de crianças, os docinhos se transformaram, para alguns alunos da PUC, em uma fonte de renda. Segundo os estudantes, o lucro das vendas de doces, com valor médio de R\$ 2,50, é destinado, principalmente, à compra de material da faculdade e gastos com lazer.

A aluna de Comunicação Social Juliana Pellegrinetti começou o negócio por acaso. Logo no 1º período do curso, ela levou para comer na universidade um doce feito pela tia. Uma colega que sentou ao seu lado perguntou se ela estava venden-

do a guloseima. Foi o suficiente para acender o espírito empreendedor de Juliana. A apetitosa e variada lista fornecida pela aluna - brigadeiros, casadinhos, beijinhos, cajuzinhos - conquistou clientes fiéis. O investimento deu tão certo que a estudante começou a fornecer para estabelecimentos comerciais.

– Há duas semanas coloquei os doces para vender em um *fast food*. Pretendo divulgar melhor a novidade com cartazes. Expandir mais para frente e, quem sabe, abrir uma lojinha. Estou sonhando alto – brinca Juliana.

A aluna de Sistemas de Informação Amanda Aurita teve a ideia de produzir docinhos quando foi convidada para fazer uma viagem aos Estados Unidos.

Mas para ela conseguir atravessar fronteiras era preciso juntar uma quantia na conta bancária.

– Eu fazia doces em festas familiares e, com a possibilidade da viagem, pensei em vender para meus amigos na PUC. Só que as vendas foram evoluindo. No começo, eu vendia dez palhas italianas por dia.

Hoje, Amanda vende uma média de 40 docinhos e 15 palhas por dia. Para Páscoa, ela providenciou também ovos recheados. Amanda até criou uma promoção atraente para manter o consumidor.

– Queria incentivar as pessoas a comprarem mais. Com isso, eu criei um cartão fidelidade com meu telefone. A cada dez doces comprados o cliente ganha um.



GABRIELA DORIA

Cardápio variado de guloseimas é a nova tentação no campus da PUC

Os brownies da aluna de Artes e Design Sofia Quadros fizeram tanto sucesso que ela até decidiu criar uma marca para o bolo.

– O nome Soft Brownie surgiu porque eu queria misturar a maciez do doce com o

meu nome. Também pretendo divulgar os brownies fora da PUC, como em um comercial de uma rede de supermercados. Vou procurar expandir meu negócio porque acredito que é bom pensar grande.

Projeto: A atividade é um processo terapêutico em grupo e faz parte da Rede de Empreendimentos Sociais da PUC-Rio

Canto para aumentar a estima

Música é o meio usado para manter o equilíbrio emocional e psicológico

MARIANA SALES

Um antigo ditado prega que quem canta seus males espanta. É ao perceber a relevância para a sociedade de falar em público, a fonoaudióloga e estudante de filosofia Claudia Monteiro decidiu investir no que o provérbio propaga. Para isso, ela desenvolveu um grupo de Cantoterapia, cujas aulas ocorrem toda sexta-feira, na sala de estudos do Nead, no subsolo do Ginásio. A atividade é um processo terapêutico em grupo, que liga o canto com a parte psicológica e emocional dos participantes. O projeto faz parte da Rede de Empreendimentos Sociais da PUC-Rio, a Respuc.

Claudia estudou música por alguns anos e percebeu que a cantoterapia vai além de ser um recurso terapêutico. Com o foco na fonoaudiologia, a estudante verificou que o canto é um grau de desenvolvimento humano e, por outro lado, a música precisa de harmonia. Desse modo, a fonoaudióloga leva os alunos a alcançarem o mesmo tom, o mesmo ritmo, para criar uma harmonia em grupo.



Professora e alunas cantam e dançam por uma harmonia em grupo. As aulas ocorrem todas as sextas-feiras

– A cantoterapia é relacional o tempo todo. Em nenhum momento sou eu e você. É sempre nós. O trabalho é uma redescoberta da socialização mais primitiva, do barulhinho

da criança até a gente começar uma elevada de voz coletiva e harmoniosa – afirma.

Por meio desse trabalho, os participantes melhoram a qualidade de comunicação

ideias para falar são instigadas a se comunicar.

– As pessoas vão aos poucos se soltando, todo mundo paga o mesmo mico. Comunicamos muito de maneira física, fazemos massagem, e as estimulo a fazer entre si. Descobri que o segundo maior medo da humanidade é falar em público – explica.

Para construir uma boa comunicação, a cantoterapia utiliza o discurso e a estética da fala com a coerência de vida e a eloquência. Os resultados alcançados são comunicação com uma plateia e nos relacionamentos interpessoais, saúde física, melhora do sistema imunológico, equilíbrio emocional, entre outros. Participante do grupo de cantoterapia, a estudante do 3º período de Economia Natália Teixeira conta que o grupo contribui para sair da zona de conforto e para aumentar a autoconfiança.

– Eu tenho vontade de fazer mestrado. É importante você perder a timidez para conseguir projetar a voz e para falar em público. Também para interagir mais com as pessoas.

OBITUÁRIO

Geraldo Monteiro Sigaud

(1954–2014)

DIVULGAÇÃO



torado no Institut Für Kerphysik, em Frankfurt, Alemanha.

Enio Frota da Silveira, professor do Departamento de Física da PUC, ressaltou a importância de Sigaud para o Departamento, principalmente por ter sido uma pessoa com a formação quase toda na Universidade. Além disso, Silveira destacou o lado pessoal do amigo.

– Ele era uma pessoa muito culta. Podia discutir sobre vários assuntos, como música ou religião. Inclusive, ele participou, aqui na PUC, do núcleo padre Leonel Franca, no qual discutia sobre religião. Ele tinha uma visão bastante panorâmica, o que o fazia ser uma pessoa muito interessante – conta.

Sigaud era muito admirado pelos estudantes. Ele foi escolhido por alunos para receber um prêmio do Centro Técnico Científico (CTC) de excelência pelo trabalho desenvolvido.

ARTHUR MACEDO

Todo livro termina, mas a solidariedade continua.

O leitor apaixonado sabe que no coração cabem infinitos livros, mas na estante nem tantos. O Sebo Solidário da CELPI tem um enorme catálogo de obras, com preços pequenos e em ótimas condições.

Não deixe as boas ações só para o moquinho dos livros. Ajude o Sebo Solidário. Assim, você também contribui para projetos sociais da CELPI.

Accesse nosso site celpirj.googlepages.com, cadastre-se pelo e-mail sebosolidario@gmail.com e curta nossa página no Facebook.

Sebo Solidário
CELPI

Aniversário: Comunidade PUC conta as aventuras da travessia diária sobre a Baía de Guanabara

Protagonista de dramas curiosos

Há 40 anos, Ponte encurta o trajeto entre o Rio e Niterói



FREE IMAGES

bastante no trajeto, porque ele é longo. Mas eu não fui abordada. Dizem que o ladrão tem medo de quem está dormindo. Então, eu tive muita sorte, mas fiquei bem assustada.

Conseguimos montar um campinho na Ponte

Giovani Ricardo

Cômica e triste foi a experiência do funcionário do bandeirão Fabio de Oliveira Reis. Fabio atravessava a Ponte, engarrafada, em um ônibus. Quando o coletivo se aproximou do veículo que obstruía o trânsito, ele conseguiu ver que havia um carro parado no acostamento e um homem sem camisa.

– O cara estava tirando a roupa e queria se jogar da pon-

te. Depois, descobrimos que era para protestar sobre alguma coisa, mas não sei o quê. As pessoas ficaram rindo da situação – contou.

Alguns fatos tristes outros engraçados. Além de um simples trajeto do cotidiano, estes momentos podem levar as milhares de pessoas que passam pela Ponte a uma reflexão. Em uma de suas viagens para a PUC, Sandra presenciou uma kombi pegando fogo, a poucos metros de distância do ônibus em que ela estava. A estudante contou que ficou feliz por ver o dono do veículo bem, mas isto a fez perceber algo que por muitos passa despercebido.

– Ninguém pensa no que houve no acidente, quem se machucou, os motivos ou o que a pessoa perdeu. As pessoas se importam bem mais com as consequências do acidente no trânsito. Naquele dia, tive a impressão que somos muito egoístas, pensamos mais no quanto algo prejudica a gente do que naqueles que realmente perderam algo.



GABRIELA DORIA

A Ponte foi construída no governo Costa e Silva e, por isso, leva o nome do ex-presidente

A estudante Thais Freitas mora em São Gonçalo e utiliza a Ponte para vir para a PUC

Evento: PUC por Um Dia reúne estudantes de escolas públicas e privadas, pais e professores do Estado do Rio de Janeiro

Vida universitária revelada

Iniciativa possibilita contato com o ambiente universitário

DAVI BARROS E ERICKA KELLNER

Pelo 11º ano consecutivo, a Universidade organizou o PUC por um dia. A iniciativa, que foi realizada no dia 11 de abril, propõe ajudar estudantes na escolha profissional e apresentar as instalações do campus. Neste ano, a Instituição recebeu cerca de 5 mil inscrições de 200 escolas públicas e privadas. A programação contou com workshops, palestras, exposições e visitas a laboratórios. Durante todo o dia, estudantes do Ensino Médio, pais e professores puderam conhecer o espaço da Universidade. Além disso, uma série de atividades culturais também foram oferecidas, como slackline, oficina de stencil e até a confecção de caricaturas.



PILOTIS

WEILER FILHO



ENGENHARIA

GABRIELA DORIA



STENCIL

WEILER FILHO



BIOLOGIA

WEILER FILHO



COMUNICAÇÃO

GABRIELA GARRIDO



CARICATURA

WEILER FILHO



ESTAÇÃO AMBIENTAL

GABRIELA DORIA



SLACKLINE

WEILER FILHO